

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais**

**Ariane Natassia Pacheco Tietböhl**

**PROCESSOS FOTOGRÁFICOS E CONSTITUIÇÃO DE SI**

**Porto Alegre**

**2017**

**Ariane Natassia Pacheco Tietböhl**

**PROCESSOS FOTOGRÁFICOS E CONSTITUIÇÃO DE SI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Hofstaetter

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Celso Vitelli

Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti

**Porto Alegre**

**2017**

### CIP - Catalogação na Publicação

Tietböhl, Ariane Natassia Pacheco  
Processos fotográficos e constituição de si /  
Ariane Natassia Pacheco Tietböhl. -- 2017.  
41 f.  
Orientadora: Andrea Hofstaetter.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto  
Alegre, BR-RS, 2017.

1. Autopoiese. 2. Experiência. 3. Fotografia. 4.  
Identidade. 5. Subjetividade. I. Hofstaetter,  
Andrea, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a meu pai, Luiz Carlos Tietböhl por toda sua dedicação e amizade. Juntamente com Iago Piccoli, por todo apoio que tem me dado.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Hofstaetter por me incentivar e ajudar a organizar minhas ideias para esta pesquisa.

Agradeço à banca examinadora deste trabalho integrada pelo Prof. Dr. Celso Vitelli e pelo Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti por aceitarem meu convite e pelas ótimas contribuições.

Sou grata a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta também contribuíram para a minha formação e transformação, em especial: Angela Kerber (Pandah), Angélica Zandoná, Annelise Pacheco, Beatriz Rockett, Carmen Sansone, Claudia Maldonado, Eliane Uczak, Veridiana Avila, Vinicius Lopes.

## RESUMO

Nesta monografia, buscou-se refletir a respeito do entrelaçamento entre o conceito de autopoiese e a construção da subjetividade, e sobre como experiências vividas e as identidades de um indivíduo podem transparecer através de imagens produzidas fotograficamente, visando um projeto de ensino em artes visuais. Para a abordagem sobre autopoiese e experiência, os autores referenciais foram Akiko Santos e Michel Serres. Pensando no ensino de artes visuais utilizando a fotografia como linguagem para possíveis interpretações da subjetividade de um indivíduo e como ferramenta no auxílio da aprendizagem, procurei referências no trabalho de Annateresa Fabris, Eduarda Neves e Christine Delory-Momberger. Zygmunt Bauman e Massimo Canevacci trazem essa discussão para o campo das identidades e como elas se manifestam na contemporaneidade. Também apresento uma proposta de prática em um projeto de ensino, onde exploro a potência das imagens para captar o cotidiano e as experiências pessoais dos alunos.

**Palavras chave:** Autopoiese. Experiência. Fotografia. Identidades. Subjetividade.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b>	Untitled #479 .....	<b>12</b>
<b>Figura 2</b>	ROOM#024 – JOSEPH – Paris – France .....	<b>13</b>
<b>Figura 3</b>	ROOM#256 – RYOKO – Tokyo – Japan .....	<b>13</b>
<b>Figura 4</b>	Imagem digitalizada de diário da produção da prática pedagógica .....	<b>23</b>
<b>Figura 5</b>	Imagem digitalizada de diário da produção da prática pedagógica .....	<b>24</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1 Autopoiese:</b> o indivíduo como ele se vê, imerso no cotidiano .....	<b>10</b>
<b>2 Identities:</b> constituição de si .....	<b>15</b>
<b>3 Fotografia:</b> retalhos da experiência .....	<b>18</b>
<b>4 Projeto de Ensino:</b> “A potência das imagens para captar o cotidiano e as experiências pessoais” .....	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>
<b>APÊNDICE – Projeto de ensino e plano de aulas</b> .....	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão a respeito do entrelaçamento entre o conceito de autopoiese e a construção da subjetividade. A temática desta pesquisa construiu-se vinculada ao Estágio Curricular, aonde buscava compreender de que forma os estudantes elaboram suas imagens, relacionadas ao seu cotidiano e de si mesmos através das fotografias que captam, como se projetam e de que forma deixam transparecer sua identidade através da produção de imagens.

A fotografia está presente no dia a dia dos jovens. Através dela, é possível visualizar o “mundo” no qual esses jovens estão inseridos. O mundo em que se vive é o que se constrói a partir de nossas percepções, e é nossa estrutura subjetiva que permite essas percepções. Por conseguinte, nosso mundo é a nossa visão de mundo. O processo de subjetivação se intensifica através das imagens produzidas e divulgadas em mídias digitais (blogs, sites, redes sociais, etc.).

As disseminações da prática da selfie nos meios sociais e entre os próprios alunos como fotografias de paisagens cotidianas, de objetos e de suas casas, carregam em si a chance de gerar imagens que possibilitem reflexões além de mútuo conhecimento. Pensando nisso, optou-se por espaços escolares, para o estágio docente, em que a diversidade e a heterogeneidade dos alunos nas turmas fossem bastante acentuadas, característica que costuma ocorrer na rede pública de ensino e em regiões mais centrais, mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma homogeneidade extrema em outras modalidades de escolas.

Nesta abordagem, a figura do Arlequim, retirada do livro *O Terceiro Instruído* (1993), de Michel Serres, é apresentada como um símbolo do ser constituído por suas memórias, como se as fotos que alguém tira constituíssem um manto de recortes cotidianos, que assim como o do personagem, faz parte dele e de sua constituição: Desse modo as fotos representam pedaços de nós registrados, ou das versões que fazemos de nós mesmos. Pretendia observar os contrastes, diferenças e diversidades de caráter sócio cultural entre os alunos sem deixar de analisar também seus pontos e características em comum.



Ancorando as bases do processo da prática pretendida em sala de aula na teoria da autopoiesis de Maturana e Varela explicada por Akiko Santos, também referenciada nas obras dos artistas John Thackwray (*My Room Project*) e Cindy Sherman (*Untitled Film Stills*), a fotografia foi escolhida como meio expressivo.

A partir de leituras de Humberto Maturana e de Francisco Varela sobre a autopoiese e Michel Serres sobre outramento e experiência, nas disciplinas de psicologia da educação, tive interesse em realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre esses autores surgindo então a ideia de começar a planejar um projeto de ensino, pensando no estágio curricular, utilizando a fotografia como linguagem. Escolhi a fotografia, pois ela abrange várias áreas da vida dos humanos e do seu cotidiano. É um mecanismo que permite arquivar um momento/criar imagens e que justamente está mais acessível justamente nas mãos dos alunos para executar o projeto em uma escola.

A fotografia pode ser utilizada no processo de investigação do cotidiano de nossos estudantes a fim de que mediante as imagens obtidas da escola, da família, da vizinhança, da cidade e das coisas que os cercam e desde que sejam orientados, através de uma metodologia específica, seja possível observar de que forma elaboram suas imagens, relacionados ao seu cotidiano e sobre si mesmos.

Meu interesse pela fotografia surgiu ao pesquisar um artista para uma releitura proposta como atividade na aula de pintura, durante o ensino médio. O artista selecionado era Man Ray. Após ver algumas de suas pinturas, busquei saber mais sobre seu trabalho. Surpreendi-me com seus experimentos (fotogramas), pois desconhecia essa possibilidade de utilizar a fotografia, além de sua utilização convencional, no jornal, no álbum de família, nos documentos, etc. A partir de então, passei a fotografar de forma mais desinibida e despreocupada, sem desperdiçar a facilidade e a oportunidade de utilizar equipamentos digitais, os quais se tornavam cada vez mais acessíveis e populares nessa época, a partir de 2005.

Os processos de aprendizagem mostram diferentes nuances, como a individualidade de cada pessoa, o que abre o espaço para refletir-se a respeito da subjetividade de cada um. O histórico de vida de cada aluno faz parte desses processos. Considerar o contexto pessoal é imprescindível no processo de ensino aprendizagem. O diálogo, a vida pessoal, a troca de vivências e experiências, são facilitadores na aprendizagem. O professor que se recusa a ouvir o aluno nega-se a

aprender e a observar visões diferentes frente à vida. Não considera o discente como sujeito do seu conhecimento.

Existe um retrato bastante frequente no espaço escolar do Rio Grande do Sul, em que é frequente a predominância de um corpo de professores e professoras, advindos de uma classe média, herdeira de um olhar para o mundo ligado a uma leitura tradicional, eurocêntrica e meritocrática. Frequentemente esse olhar vai de encontro à configuração dinâmica em termos de resposta e de invenção dos jovens alunos, na escola pública. Em muitas ocasiões é flagrante o quanto se tornam ruidosos determinados diálogos e percepções dificilmente isentos de recriminações quanto a costumes, formatos de famílias e histórias de vida dos alunos. O que talvez se deixe de perceber é o quanto a diversidade em sala de aula representa resistência histórica geracional quanto a processos de extermínio e racismo coloniais plasmados na sobrevivência e na presença em sala de aula de segmentos sociais que são o retrato da maioria da população brasileira e que traz dentro de si riqueza cultural, visões e diálogos tão dignos e interessantes para a oxigenação do processo de ensino, comparado às contribuições acadêmicas tradicionais.

A abordagem de temáticas ligadas ao cotidiano dos alunos e a inclusão de novos recursos e ferramentas de produção artística relacionam-se com a flexibilidade do docente e com sua capacidade de observar detalhes das características desses alunos, detalhes que fazem a diferença durante a criação de um projeto de ensino que seja adequado a sua realidade. Muitas vezes, porém, pode tornar-se irresistível deixar-se levar pelo fascínio dos novos aparatos tecnológicos, recursos e ferramentas, bem como pela profusão de imagens advindas do bombardeio virtual, deixando de atentar para as reais necessidades desse aluno. É preciso um cuidado seletivo, mais atento, com relação às imagens e quanto a seus discursos. As possibilidades praticamente ilimitadas dos recursos gráficos tecnológicos podem conduzir a um labirinto de possibilidades no âmbito das técnicas automatizadas onde o trabalho corre o risco de perder a força de sua proposta, inclusive pelas dificuldades que encontramos ao aplicá-la nas escolas, onde raramente dispomos de equipamentos adequados etc.

Com a leitura da entrevista de Zygmunt Bauman a Benedetto Vecchi foi possível fundamentar a reflexão a respeito da Identidade, assim como a obra de Massimo Canevacci, que faz referência ao espaço que se habita bem como ao corpo do sujeito dono da identidade. Christine Delory-Momberger argumenta acerca das

leituras que fazemos de nossas experiências ao ver e rever as fotografias que produzimos.

Esta pesquisa se justifica pela função de fundamentar a reflexão que acompanha a elaboração de uma sugestão de projeto de ensino-aprendizagem, considerando o uso de processos fotográficos no campo de pesquisa do ensino das artes, utilizando a fotografia como ferramenta mediadora no processo de produção do conhecimento dos alunos.

Esta monografia está organizada em quatro capítulos, abordando os principais conceitos que fundamentaram a pesquisa. O projeto de ensino foi pensado para o estágio supervisionado obrigatório, que seria realizado no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, com duas turmas de primeiro ano do ensino médio. A conclusão do estágio na escola acabou por não ocorrer, pois o colégio se manteve em greve por um período muito longo.

No primeiro capítulo será apresentada uma reflexão a respeito da capacidade do indivíduo produzir a si mesmo, e a influência que o seu cotidiano tem nesse processo – as impressões que ficam sobre o ambiente em que vive.

O segundo capítulo aborda a busca da individualidade, seja através da expressão, seja por intermédio do ambiente, do corpo, da imagem, incluindo a imagem fotográfica, na busca da identidade como algo que nos torna diferente dos demais. Eis que deparamo-nos não apenas com uma única identidade imutável, mas com modos diferentes de ser e de interagir com o outro, em contextos de vida sempre mutáveis e mutantes.

No terceiro capítulo, considera-se o papel da fotografia no processo de aprendizado de si mesmo, da constituição de si, a partir das experiências registradas fotograficamente.

No quarto capítulo serão apresentadas as principais ideias para construção do projeto de ensino e do plano de aulas previsto para o estágio supervisionado na Educação Básica, para duas turmas de primeiro ano de Ensino Médio. Cabe frisar aqui que devido à greve dos professores ocorrida entre setembro e dezembro de 2017, a execução do projeto foi prejudicada, não sendo possível executá-lo, porém; mantém-se como uma proposta de prática docente. Comentarei, também, sobre o processo de desenvolvimento de minha identidade docente relacionando com os conceitos abordados.

No apêndice consta o projeto de ensino detalhado conforme elaborado para a prática de estágio e algumas imagens do diário de produção da prática pedagógica, que foi construído no decorrer do ano de 2017, enquanto ocorria o estágio curricular obrigatório, realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS (ensino fundamental) e no Colégio Estadual Júlio de Castilhos (ensino médio).

## **1 Autopoiese:** o indivíduo como ele se vê, imerso no cotidiano

O conceito de autopoiese ou autopoiesis foi concebido primeiramente pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios, a partir desta definição. Em Santos (2003)<sup>1</sup>, encontramos referências ao conceito de autopoiese que se ajustam melhor a esta pesquisa:

O conhecimento resulta da dinâmica dos aspectos do físico, do biológico e do social, inseparáveis e simultâneos. Tudo que existe no ambiente influencia o organismo, que o capta e o integra ao processo de construção, transformando o seu pensamento. O conhecimento não é somente a assimilação através dos órgãos sensoriais. O conhecimento é resultado da atividade auto-organizativa do homem. [...] Assim, o conhecimento é fruto da construção do organismo em sua relação com o meio-ambiente. O acoplamento do ser ao seu ambiente lhe produz diferenças devido à diversidade do meio, das relações estabelecidas na vida e da carga genética.

O indivíduo aprende não apenas usando a razão e o intelecto, mas também mobilizando sensações, emoções, sentimentos e sua intuição. Como um ser contextualizado, o indivíduo é uma organização viva, um sistema aberto, possuidor de uma estrutura própria de autorregulação. A construção do conhecimento se faz a partir do autoconhecimento, do crescimento interno para chegar a uma consciência da realidade que o rodeia. O conhecimento se constrói por força da ação do sujeito sobre o mundo real e pela repercussão desse último sobre aquele. (SANTOS, 2003, p. 54-55)

O conhecimento é construído cotidianamente e coletivamente também nas interações sociais. O pressuposto de que existe um detentor do conhecimento que se configura como autoridade, no caso o professor, contempla sempre uma intenção de poder e de controle sobre os indivíduos e sobre o ambiente que também pode ensiná-los a adaptar-se e desvelar o caminho para seu autoconhecimento.

O indivíduo, de fato, aprende aquilo que quer aprender, que o contempla com um propósito. O esforço descomunal empreendido pela escola para controlar indivíduos, não neutraliza integralmente a dúvida, a incerteza, o descobrir-se a si

---

<sup>1</sup> Akiko Santos é uma estudiosa dos autores Humberto Maturana e Francisco Varela e utiliza o conceito de Autopoiese concebido por eles em sua pesquisa. Optou-se por utilizar Akiko Santos como referência, pois ela traz o pensamento teórico dos autores para a área da educação, o que se torna mais adequado para a esta pesquisa.

mesmo. Não é suficientemente capaz de deter o tempo que hoje assume, através das redes virtuais, multiplicidade e inconstância, inimagináveis até há pouco. A tarefa do professor se vê influenciada por essa realidade soberba. Como caracteriza Santos (2003):

Entre a informação e a sistematização transcorre um tempo necessário à “digestão” cognitiva de cada indivíduo. Até então, as informações permanecem contrapostas, servindo para o uso diário segundo as exigências da vida. Por isso, a tarefa do professor é lançar “sementes”, trabalhando coerência e consequência das teorias na expectativa de que as circunstâncias de cada aluno as façam germinar como conhecimento adquirido. (SANTOS, 2003, p.45)

As verdades consagradas se diluem ao longo desse processo e do tempo acabando por servir de base para o surgimento de novas dúvidas e questionamentos. A inquietação produzida pelo questionamento e pela dúvida é o que converte a pacífica recepção de informação em busca e descoberta.

A partir desta busca, e dos resultados obtidos através dela o indivíduo aprende a diferenciar-se de outras pessoas vendo-se como um ser individual, com características próprias em seu meio e na relação com outras pessoas, construindo sua própria identidade e autoimagem. Identifica-se e se reconhece com suas características próprias, sua história de vida e do grupo ao qual pertence (características físicas e culturais, hábitos, costumes e valores). Percebe os diferentes modos de ser e viver na sociedade em que vive e também em outras existentes (diferenças étnicas, sociais, religiosas, de gênero). Reconhece-se como sujeito nas relações de estudo, consumo, trabalho e família.

A partir dos conceitos abordados nesta pesquisa, pensei em artistas que trouxessem reflexões pertinentes, e utilizei-os como referência e inspiração para confeccionar o projeto de ensino. São eles: Cindy Sherman e John Thackwray.

Cindy Sherman (1954) é uma artista norte-americana que se tornou famosa pela série que produziu, intitulada “*Untitled Film Stills*”. Essas fotografias não cabem na definição autorretrato: mostram, ao invés de sua verdadeira face, personagens construídos, estereotipados e incorporados por ela, que suscitam uma série de reflexões. Não é responsável apenas pela fotografia, mas pelo conceito e pela construção de todas essas imagens. Da produção ao figurino; da maquiagem às locações; da idealização à performance. A importância da proposta de seu trabalho nesta pesquisa se destaca por trazer reflexões a cerca de um tema atual que é o da

complexidade da representação em um mundo saturado de imagens, muitas delas encenadas, produzidas como performances do ideal projetado pelos autores das imagens (Figura 2).

Figura 1 - Untitled #479. (Fotografia, vinte e três impressões em gelatina de prata coloridas a mão. 52.1 x 85.1 cm).



Fonte: SCHERMAN, 1975. Acervo do Museum of Modern Art, New York. Disponível em: <<https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2012/cindysherman/gallery/1/#/0/untitled-479-1975/>> Acesso em: 13 jun. 2017.

John Thackwray (1982) é cineasta e fotógrafo, nascido na África do Sul. Seu trabalho pessoal iniciou-se em 2010, em Paris ao fotografar alguns amigos e seus quartos. Pouco a pouco o projeto tornou-se maior, mais de mil candidatos de 55 países já participaram. Viajou pela Europa, América do Norte, Ásia Central e Oriental, abrangendo lugares como Alemanha, Arábia Saudita, Turquia, Japão, Rússia, entre outros incluindo o Brasil. Centra-se principalmente em questões de direitos humanos e desenvolvimento em todo o mundo. Em sua série intitulada “*My room Project*”, fotografa quartos de pessoas nascidas apenas nos anos 80 e 90 para capturar e comparar as diferentes esperanças e aspirações de uma geração em particular. O conceito é simples: fotografar pessoas em seus quartos em vários lugares do mundo. E depois entrevistá-los sobre estilo de vida, educação, religião e amor. Neste projeto o artista visava capturar através deste

ambiente tão íntimo, a identidade de seus proprietários. A câmera é ajustada no teto de cada quarto, então temos uma visão mais ampla do cômodo. O dono se dispõe no centro do quarto e olha para a câmera no teto. Este projeto mostra que é possível vislumbrar as condições de vida de pessoas em todo o mundo, e também o universo pessoal de cada um. Revelando particularidades neste processo de ambientação, que varia de acordo com a idade, paixões, preferências, e tradições de seu país. A partir desse exemplo, pensei em formas de observar o “mundo” no qual os alunos estão inseridos (Figura 3).

Figura 2 – ROOM#024 – JOSEPH – Paris – France.



Fonte: THACKWRAY, c2016a. Disponível em: <<http://myroomphotos.com/wp-content/uploads/2015/01/P10-ROOM024-%E2%80%93-JOSEPH-Paris-France-1024x683.jpg>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Nas imagens selecionadas se sobressai o que contrasta entre os jovens em questão, suas preferências, estilo, diversidades de caráter sócio cultural, econômico, etc. (Figura 4).

Figura 3 - ROOM#256 – RYOKO – Tokyo – Japan.





Fonte: THACKWRAY, c2016b. Disponível em: <<http://myroomphotos.com/wp-content/uploads/2015/01/P01ROOM256-RYOKO-Tokyo-%E2%80%93-Japan-1024x683.jpg>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

As imagens selecionadas possuem características que nos fazem considerar a utilização da imagem fotográfica para expor modos de ser, características particulares do indivíduo, da realidade que o rodeia. O que nos remete à questão: como essa realidade age sobre ele? Apesar de toda desordem que há no processo de produzir-se, o universo particular de cada um está constantemente se reorganizando. Assim se dá o aprendizado segundo a teoria da Autopoiese.

## **2 Identidades:** a individualidade por meio da subjetividade

Tradicionalmente, no gênero retrato, praticado na pintura, existe uma forte tendência à idealização, à sagração de um discurso perpetuado através do tempo e que procura fugir dos sinais do frágil e da imperfeição, pautas presentes na cartilha do olhar que julga e que dita o que é adequado, o que é belo e, sobretudo o que é indesejável. De acordo com Neves (2012, p. 30) “Melhor que o retrato ou a pintura, o autorretrato e a imagem fotográfica parecem constituir os instrumentos que viabilizarão o acesso a um saber íntimo e privado que cada um esconde dos outros e de si mesmo” (NEVES, 2012, p. 30).

Sendo assim, com a propagação dos autorretratos difundidos infinita e virtualmente e que operam como meio comunicativo acrescentando ênfase ao que é informado, fica impossível seguir o ideal de uma imagem perfeitamente arranjada e nos mínimos detalhes. Passa-se a confrontar significados antes escondidos na imagem capturada: imagem que se soma de forma repetida e muitas vezes lúdica. Correndo o risco de diluir o caráter identitário único e seguramente conhecido.

Segundo Phéline (1985):

Normas sociais e psicologia individual confrontam-se no retrato fotográfico, cujo resultado, nos dizeres de Phéline, é uma “identidade totalmente conciliada como ideal social de si mesmo”. Ou seja, a fotografia constrói uma identidade social, uma identidade padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias (PHÉLINE apud FABRIS, p. 15).

Pode ser doloroso e revelador o processo de enxergar-se com a integralidade das marcas, do inesperado, do não oficialmente aceito social e esteticamente. Mas disso se trata o processo do retrato, a partir da reprodutibilidade mecânica da imagem. Que, por mais que se queira esconder; revela. E revela nas sutilezas, no detalhe negado, na sombra do contraste. O notável é que, embora amedrontador acaba por revelar-se fonte de interesse permanente. Não se abandona facilmente o processo de retratar e fotografar-se. No entanto, um retrato ou autorretrato não se constitui apenas da imagem do rosto ou de partes do corpo da pessoa retratada. É possível deixar a sua marca impressa, suas características pessoais evidentes, suas facetas à mostra. Os nossos anseios, expectativas e

diferenças, ficam impressos marcados até mesmo no local que habitamos pela forma como o personalizamos, Canevacci (2005) exemplifica:

Possuir experiências etnográficas de tipo individual clareia as diferenças profundas. Basta olhar o quarto de um jovem, sua decoração interna descontínua, tão opositiva à dos pais. Decorar o quarto significa, para um jovem “interminável<sup>2</sup>” transformar a tapeçaria - aqueles horríveis papéis de parede com as quais as mães tecem o habitat filial - em patchworks coloridos. O espaço doméstico, chato e plano, pluraliza-se num espaço mutável, cheio de appliques e collages: uma espécie de carteira de identidade que recusa qualquer congelamento identitário e que, ao contrário, expõe as muitas caras-signos temporários por meio das quais deseja constituir-se. É uma constituição individual. Uma constituição musical e visualmente interminável (CANEVACCI, 2005, p. 33-34).

O empenho em diferenciar-se ou de agregar sua marca ao ambiente em que vive é algo recorrente na história dos seres humanos. O próprio corpo passa historicamente a ser suporte da sua criação e seu ambiente é extensão desse corpo, com todas as suas memórias, desejos e crenças. A tatuagem, a pintura corporal, o traje ritual xamânico, mesmo as pinturas parietais, revelando imagens de mais 30 mil anos em São Raimundo Nonato; no estado do Piauí, são marcas e registros de presença humana comparáveis com a prática de apropriação do próprio ambiente, como o quarto, para imprimir-lhe um caráter, um significado ligado ao indivíduo que o habita.

E mesmo as paredes do quarto, da casa, não são as únicas superfícies que usamos como suporte para imprimir nossa “impressão digital” identitária. Não há bem um limite do que pode ser personalizado nem como deve ser. Tanto a pele quanto o ambiente que se habita se tornam personalizáveis quando se trata de o indivíduo deixar transparecer sua identidade. Tudo depende do momento que está vivendo, do que está acontecendo. No ponto de vista de Canevacci (2005):

[...] todas as coisas vestidas sobre a pele ou penduradas nas paredes - mas também se poderia dizer exatamente o contrário: coisas grudadas na pele e vestidas nas paredes - contribuem para fazer parte de um novo sentido de identidade: uma identidade móvel, fluida, que incorporou os muitos fragmentos que - no espaço temporário de suas relações possíveis com o seu eu ou com o outro - se “veste” ou se “traveste” de acordo com as circunstâncias. (CANEVACCI, 2005, p.34)

---

<sup>2</sup> O conceito de jovem interminável, para Massimo Canevacci se dá num contexto caracterizado por culturas fragmentadas, híbridas e transculturais, onde ocorre consumo panorâmico e comunicações mass-midiáticas. Apresenta-se como sendo uma dilatação no conceito de jovem, quebrando as categorias de faixas etárias bem definidas - as claras passagens geracionais. É a condição de jovem como não-terminada, como não-terminável.

Os quartos são janelas nas personalidades das pessoas. Eles são o lugar em que você começa e termina todos os seus dias. Eles são um paraíso para auto expressão - especialmente para jovens com quartos próprios. Como a série My Room Project de John Thackwray retrata. Eis que deparamo-nos não apenas com uma única identidade definitiva. A identidade com sua singularidade representada simbolicamente através de signos compartilhados ou ligados a significados íntimos, feitos ou não em série; mas ainda assim puramente pessoais e carregados de identidade individual.

As identidades são mutáveis, Bauman já afirmou que: “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha.” (BAUMAN, 2005, p.60). Esse é o entendimento de identidades nesta pesquisa: algo em permanente transformação, ainda mais na fase da adolescência, que é um período de transição entre a fase infantil e adulta e onde ocorrem muitas mudanças no jeito de ser e de se retratar. A demanda pela identidade se difunde, para aquele que busca conscientemente, ou não, autoconhecer-se. A identidade que celebra sua própria existência vívida, mesmo submetida a processos de mudança.

O projeto de ensino elaborado junto a estas reflexões pretendia aproximar da sala de aula o meio social e o cotidiano doméstico e urbano nos quais os alunos estão inseridos além de apontar sutilmente as leituras e invenções que fazem de si mesmos. Mantendo certo cuidado de não causar qualquer constrangimento devido a imagens que possam denunciar diante de colegas a vulnerabilidade social e familiar de cada um.

### **3 Fotografia: retalhos da experiência**

O filósofo e escritor Michel Serres se utiliza do personagem Arlequim para fazer uma alegoria do processo de constituição de si mesmo. A figura do Arlequim traz em suas vestes vários retalhos de diferentes tipos, lugares e épocas, tratando desta alegoria simbólica como uma junção dos aprendizados obtidos durante sua carreira como professor. Assim a vestimenta desse personagem pode ser tratada como símbolo da subjetivação do autor.

Quando falamos em identidade estamos nos referindo a que a todo o momento estamos nos constituindo a partir das experiências vividas, nos transformando, ou seja, a identidade – o nosso eu que a todo o momento se reinventa.

Cada situação vivida representa um retalho colhido, somado e suturado ao pano que é nossa mente, que é nosso ser, que é nossa história, que é nosso discurso. São como os retalhos multicolores do manto do Arlequim, que representam as terras por onde passou. É um novo traje sempre sem deixar de ser o velho, mesmo com cada remendo acrescentado.

Em sua alegoria, o Arlequim, após muitas viagens, despe o manto feito de retalhos, pedaços de panos encontrados em toda a parte do mundo. Entretanto, quanto mais se despe, mais mantos são encontrados por baixo dos mantos superiores, até que, por último, encontra-se um corpo todo tatuado. Quem é Arlequim? E afinal quem somos nós, antes, durante e após o processo de aprendizagem.

Esta representação do Arlequim se relaciona com a fotografia, pelo fato de que as imagens que captamos nos revelam algo inesperado cada vez que as revemos. A cada encontro com uma imagem fotográfica acrescentamos novas leituras, novas camadas são descobertas, como as camadas do manto de retalhos colhidos pelo personagem. Além do olhar de quem produziu uma fotografia, somam-se à imagem todos os outros olhares que nela se projetaram abrindo espaço para diversas leituras.

A contribuição de Delory-Momberger aproxima-se da ideia do Arlequim, de Michel Serres, no sentido de que a fotografia envolve aquele que opera a câmera, mesmo sem aparecer nas imagens, ele biografava sua história, suas experiências, registra narrativas a partir de seu ponto de vista diante do mundo. Nesse caso, no

projeto propõe-se que o aluno se encarregue de decidir de uma forma consciente quais imagens e a respeito de quê criará seu discurso, sua biografia.

Há certa imposição dentro do processo educativo, em que verdades são fechadas e prontas. O tempo confronta esta imposição, sobretudo, transforma discursos validados por muitos anos e os atenua ou modifica; de acordo com os contextos e com os indivíduos que os reproduzem. Passam por novos questionamentos, são expostos a novos olhares e críticas. Se pensarmos do ponto de vista biológico, com relação a nossos corpos, teremos a revelação de que quase nada nele permanece inalterado. As células ósseas e epiteliais de nosso corpo passam por processo de renovação; trocamos de pele, o que nos direciona ao processo de envelhecimento. São processos de morte e de renovação em nível biológico. Não deixando de mencionar que o meio em que habitamos também passa por mudanças constantes. Um corpo vivo não é um território pacífico e nem mesmo o seu habitat. Há muito que se aprender e o que se pensar em termos de aprendizagem a partir disso. Utilizar-se da fotografia para registrar essas mudanças, abre a espaço de tornar visíveis mais coisas que apenas uma imagem fiel daquilo que foi captado. Segundo Delory-Momberger (2006):

É neste território epifânico e performático que aparecem as potencialidades auto-afirmativas da fotobiografia e que nós vemos seu interesse para a formação de si. Tirar uma fotografia envolve o operador - de maneira mais ou menos intensa - em uma relação com a situação na qual ele se encontra: ele faz experiências fotográficas, ele a biografa. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 109).

A fotografia nos revela algo inesperado. A cada vez que a revemos fazemos leituras posteriores. Ao biografar sua história através do ato fotográfico, abre-se espaço para leituras posteriores das imagens produzidas, o que conduz a experiências e aprendizagens de si.

Assim como Arlequim, possuímos diversas experiências, que juntas formam camadas. Assim como o manto do personagem, não temos necessariamente apenas um manto, pode haver um guarda roupa cheio deles. Ao referir que Arlequim, ao final de todas as camadas de manto, possui por último, a pele de seu corpo toda tatuada, correlaciono com aquilo que aprendemos no início das nossas vidas, como nossas raízes culturais, ou as coisas mais simples como o primeiro idioma que aprendemos a falar e depois, dependendo da vontade, necessidade e oportunidade aprendem-se outros.

**4 Projeto de Ensino:** “A potência das imagens para captar o cotidiano e as experiências pessoais.”.

Recessões e cortes na educação, parcelamentos de salários dos professores e outros servidores públicos levaram à greve, que acabou por ser a de maior duração nos últimos 30 anos. Devido a este fato, não houve tempo hábil para a aplicação do projeto de ensino no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que se manteve em greve no período de setembro a dezembro de 2017. O que leva este projeto a ser uma sugestão de possibilidade de projeto a professores que desejem abordar esta temática com seus alunos.

Com esse projeto, se pretendia observar de que forma os alunos elaboram suas imagens, relacionadas ao seu cotidiano e si mesmos. Abrindo espaço para pensar as relações que estruturam e constroem as imagens que envolvem e perpassam o cotidiano. A fotografia foi a ferramenta escolhida como mediadora no processo de produção do conhecimento dos alunos.

O projeto foi planejado em três etapas: *conhecer, produzir/ refletir e apreciar*, pensando nas etapas da escolarização básica, de acordo com a abordagem de três eixos, proposta pelas orientações e diretrizes curriculares nacionais, onde em um primeiro momento apresentaria artistas e até reveria com eles algumas questões e técnicas já abordadas anteriormente pelo professor responsável pela turma. Dessa forma seria possível haver uma transição da proposta do professor para a minha, revisando e reforçando o que já foi visto. Em um segundo momento, onde aconteceria a prática fotográfica, busquei pensar formas de aliar o conhecimento teórico com o prático, uma forma que instigasse os alunos a observar, refletir e contextualizar o que foi ensinado, no cotidiano deles. Ao final tudo que fosse produzido seria exposto na feira de ciências e artes do colégio, então teríamos que fazer um trabalho de curadoria, selecionando as imagens, pensando nos porquês de selecionar ou não cada uma.

No início do projeto, pensei em trazer artistas como referencial teórico, pensando nos exercícios que eles já haviam feito como, por exemplo: fotografias dos espaços da escola, de texturas de objetos e etc. Escolhi fotos de artistas que essencialmente retratam a si mesmos, a objetos, aos outros e ao cotidiano – As imagens selecionadas constam no apêndice. Durante duas aulas seguidas, seriam abordados aproximadamente seis artistas por aula, dos mais “clássicos” aos mais

atuais, para debater junto dos alunos quais técnicas cada artista usou, as escolhas que fez para tirar cada foto, o contexto em que cada imagem está inserida, a época em que a imagem foi produzida, etc.

Para a terceira aula foi selecionado um trecho do documentário “Janela da alma” por João Jardim e Walter Carvalho, sobre Evgen Bavcar, que é um fotógrafo esloveno que ficou cego e produz suas imagens se utilizando do tato e ou da audição para localizar o alvo que irá fotografar. No trecho do documentário “JANELA da Alma” de João Jardim e Walter Carvalho, Evgen Bavcar comenta:

Lembro-me da época em que era mais jovem e perguntava aos rapazes “está vendo alguma moça bonita?”. Cheguei a me apaixonar por moças que agradavam a meus amigos, não a mim. Atualmente, prefiro olhar ao vivo. Isto é muito importante. Não devemos falar a língua dos outros nem utilizar o olhar dos outros, porque, nesse caso existimos através do outro. É preciso tentar existir por si mesmo. (BAVCAR, 2001).

Talvez seja possível destacar este trecho do documentário, em que fica exemplificada a forma como consumimos imagens em contraste com a nossa forma de produzir imagens fotográficas: Abre espaço para discutir-se a sutileza entre a formulação dos signos dirigidos até nos e como eles aparecem durante o processo de produção de imagens.

Em seguida temos a proposta do mapeamento cotidiano, que consiste no ato de fotografar objetos e ou lugares do dia a dia, que seriam como fragmentos da realidade de cada um, suas preferências, tudo isso dependeria da justificativa que seria dada para cada foto – para pensar como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo.

Na quinta aula seria abordada a história dos “Kidnappers”, explorando o conceito de que a fotografia continha a essência da pessoa retratada, fomentaria um debate sobre a efemeridade das imagens hoje, ou a permanência delas.

Para a sexta aula há a sugestão de trabalho com colagem onde os artistas selecionados, são artistas que tem como principal característica de seus trabalhos a interferência que fazem nas imagens, como por exemplo: Robert Rauschenberg, Barbara Kruger, Richard Hamilton, Hannah Hoch, Raoul Hausman, Francis Picabia, Alexander Rodchenko. Não deixando de comentar o contexto em que essas imagens foram produzidas.

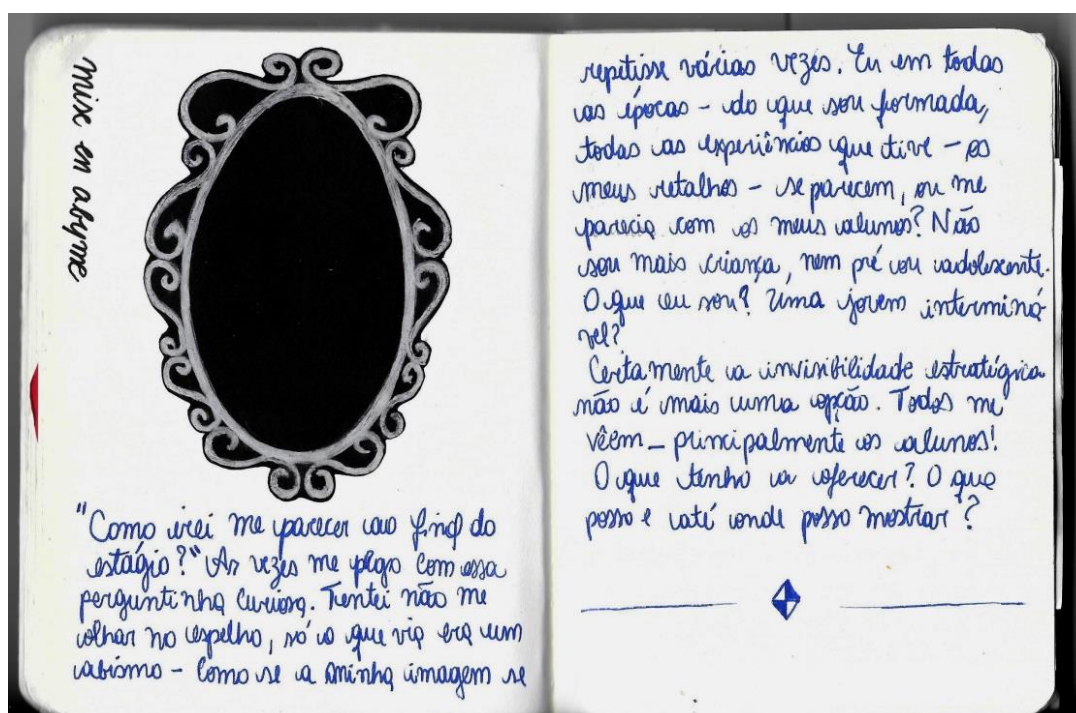


Ao final do projeto, se sugere o desenvolvimento de um projeto de fotografia experimental, o tema deveria ser escolhido dentro De uma lista com 30 motivos, como sugestão de possíveis temas para suas fotografias.

Ao final tudo que fosse produzido seria exposto na feira de ciências e artes do colégio, então haveria um processo de curadoria, selecionando as imagens, pensando nos porquês de selecionar ou não cada uma. Com esses exercícios, pretendia-se que os alunos pudessem inter-relacionar, através da fotografia, as práticas sociais do olhar e as proposições subjetivas de ver o mundo, os outros e a nós mesmos para construir um pensamento visual crítico através da fotografia percebendo-a como ferramenta modeladora de visibilidades.

Durante o estágio curricular, foi proposto o exercício de manter um diário da produção da prática pedagógica, que serviu como instrumento de registro dos dilemas como estagiária, do que acontecia na escola e nas aulas na universidade. Semelhante ao mapeamento sugerido no projeto de ensino, o diário é uma espécie de mapeamento da formação de minha identidade docente – como eu me via, como via os alunos e principalmente como me sentia diante deles (Figura 4).

Figura 4 – Imagem digitalizada de diário da produção da prática pedagógica.



Fonte: Arquivo pessoal, Dezembro de 2017.

O estágio curricular obrigatório foi concluído em sua totalidade no Colégio de Aplicação da UFRGS, que possibilitou a atuação em docência compartilhada com outras colegas de estágio que também estavam realizando seu estágio na escola em questão (Figura 5).

Figura 5 – Imagem digitalizada de diário da produção da prática pedagógica.



Fonte: Arquivo pessoal, Dezembro de 2017.

Ao observar a forma como constroem suas imagens, a partir de suas escolhas – suas experiências, o que se espera é que percebam que são agentes durante seu processo de aprendizagem, que ao lançar um olhar pessoal sob à realidade em que vivem, notem as várias possibilidades de transformação tanto de si mesmos quanto do meio em que estão inseridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de minha pesquisa o meu objetivo era relacionar o conceito de autopoiese e a construção da subjetividade, buscando compreender de que forma os estudantes elaboram suas imagens, referentes ao seu cotidiano e a si mesmos através das fotografias que captam; como se projetam e de que forma deixam transparecer sua identidade através da produção de imagens.

Porém, surgiram questões a respeito da subjetividade e da identidade que acredito que necessitem de um aprofundamento maior, talvez um conhecimento maior dentro da área da psicologia para que então se possa elevar o nível de embasamento científico da pesquisa. Apesar de não atingir os objetivos apresentados inicialmente, me sinto instigada a continuar buscando respostas. Em uma segunda graduação ou ainda de forma autônoma. A certeza é de que não paro por aqui.

Um dos objetivos desta pesquisa que era o de aplicar o projeto de ensino não se concretizou devido à greve. Como aluna já havia observado greves longas, mas nesta tive a oportunidade de vivenciar atuando na escola, como estagiária e futura professora de artes. Meu posicionamento é de que devemos nos posicionar politicamente e lutar muito se quisermos que essa profissão continue existindo. Na disciplina de estágio, meus colegas assim como eu, tivemos espaço para relatar e trocar informações sobre nossas experiências nas escolas e o que pude observar é que muitos desses espaços estão sendo extintos, fechados, ou até mesmo boicotados – Os alunos tem pouco conhecimento desse assunto, para eles a greve foi algo complicado, porque mesmo detestando o modelo de ensino, eles gostam de estar naquele espaço. Pude observar sua ansiedade em voltar às aulas logo, pelas postagens que faziam no grupo do colégio no Facebook.

Em vista dos argumentos apresentados e do que foi vivenciado nas escolas, com o estágio curricular, apesar de não ter aplicado o projeto com as turmas, pude notar que os estudantes têm forte tendência à idealização da imagem pessoal, o que vemos em consonância com o que foi abordado neste trabalho e num contexto onde a escola se torna cada vez mais um espaço hostil aos jovens, seja pela desmotivação e cansaço dos professores ou pelas condições em que o ambiente físico se encontra – por em prática projetos como este, apesar da dificuldade, se torna necessário, por tratar de questões que abordam o cotidiano dos alunos e os

torna agentes em seu processo de aprendizagem. Porém; faço algumas ressalvas: deve-se observar bem se seus alunos tem de fato acesso à tecnologia dos smartphones, e se conseguirá que eles tenham condições de editar e compartilhar as imagens produzidas entre si e com o professor que ministrará o projeto. Terminei este trabalho pensando a respeito de como pude observar mais a respeito da construção da minha identidade como docente e pude perceber que essa construção se dá aos poucos e de fato se modificará com o tempo, espero que para melhor sempre compartilhando conhecimento mutuamente com os alunos.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**: Nota sobre a fotografia. Tradução de Jýlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1980.

BAVCAR, Evgen. **Janela da alma**. Brasil/ França, 2001. Documentário de João Jardim e Walter Carvalho. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>>. Acesso em: 20 de Outubro de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CALIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.

COPQUE, Bárbara. Sobre imagens: meninos na rua, meninos fotógrafos. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Antropologia e imagens, vol.1: narrativas diversas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p.145-164.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. IN: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena M.B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P.105-117.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **A Árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **De máquinas y seres vivos**: autopoieses, lá organización de lo vivo. 1ª ed. Buenos Aires: Lumen, 2003.

NEVES, Maria Eduarda Dias. **Sobre o auto-retrato**: fotografia e modos de subjectivação. Madrid, Espanha: 2012. Tese de Doutorado - UNED - Facultad de Filosofía Departamento de Filosofía y Filosofía Social y Política.

PHÉLINE, Christian. **L'image accusatrice** Laplume: AACP, 1985.

REBEL, Ernst. **Auto-retratos**. Köln: Taschen, 2009.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, [1993].

SHERMAN, Cindy. **Untitled #479**. [S.l.:s.n.]; c1975. Fotografia, vinte e três Impressões em gelatina de prata coloridas a mão. 52.1 x 85.1 cm. (Untitled Film Stills, 479). Acervo do *Museum of Modern Art, New York*. Disponível em: <<https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2012/cindysherman/gallery/1/#/0/untitled-479-1975/>> Acesso em: 13 jun. 2017.

THACKWRAY, John. **Room#024**: Paris - France. [S.l.:s.n.]; c2016a.1 fotografia. (My Room Project, #024). Disponível em: <<http://myroomphotos.com/wp-content/uploads/2015/01/P10-ROOM024-%E2%80%93-JOSEPH-Paris-France-1024x683.jpg>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

THACKWRAY, John. **Room#256**: Tokyo - Japan. [S.l.:s.n.]; c2016b. 1 fotografia. (My Room Project, #256). Disponível em: <<http://myroomphotos.com/wp-content/uploads/2015/01/P01ROOM256-RYOKO-Tokyo-%E2%80%93-Japan-1024x683.jpg>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

## **APÊNDICE – Projeto de ensino e plano de aulas**

Estágio em Artes Visuais – Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Grupelli Loponte

### **“A potência das imagens para captar o cotidiano e as experiências pessoais.”**

Colégio Estadual Júlio de Castilhos

**Turmas:** 12 E/F (13h25min às 15h) e 12 G/H (15h às 17h) intervalo 15h55min até às 16h15min – Sexta-feira

**Duração das aulas:** 50 minutos, 2 períodos por semana em cada turma.

**Duração do projeto:** 10 semanas (10 aulas = 20 períodos).

**Contexto:** O “Julinho”, como é conhecido o colégio, é uma escola tradicional de Porto Alegre, recebe alunos de toda a cidade. Cada turma de oficina é uma mescla de duas turmas regulares do mesmo ano. As oficinas são ministradas regularmente na disciplina de Artes – área das Linguagens. A oficina que o aluno escolher será a que ele deverá frequentar durante o ano inteiro. A sala onde a oficina de Fotografia é ministrada é pequena, com vista para o estacionamento interno do colégio, há um computador para uso de edição das imagens, que além de reiniciar sozinho a todo instante, não possui acesso à internet. As cadeiras ficam dispostas em círculo, a mesa do professor ao fundo da sala e o quadro branco no lado oposto à mesa. Geralmente o professor traz algum livro e dita um trecho, ou mostra imagens e pede para que eles escolham e comentem sobre. A aula acontece mais como uma roda de conversa e inevitavelmente se está mais próximo dos alunos e sabe-se mais facilmente como cada um progride em aula. Algumas saídas de campo são feitas na escola, no pátio principalmente, para observar e fotografar. Nos últimos dias a turma recebeu alunos oriundos do turno da manhã e que passaram para o turno da tarde, assim como alguns alunos da professora Cerutti que se aposentou (desenho).

**Temática principal:** A potência das imagens para captar o cotidiano e as experiências pessoais.

**Justificativa:** Articulando a prática de estágio com o tema do meu TCC, pretendo observar de que forma os alunos elaboram suas imagens, relacionadas ao seu cotidiano e si mesmos. É importante também pensar as relações que estruturam e constroem as imagens que envolvem e perpassam nosso cotidiano. A fotografia será utilizada como ferramenta mediadora no processo de produção do conhecimento dos alunos. A partir do contexto observado, acredito que seja interessante acrescentar à oficina espaço para inteirar-se sobre trabalhos de artistas (principalmente na contemporaneidade) não apenas citando-os, mas insistindo que são referências, bem como abrir espaço para a produção autoral dos alunos. Dentro do que observei, os alunos trazem questões sobre violência no cotidiano dentro e fora da escola, assim como as fotografias projetadas de si mesmos. Sobre a temática do TCC, buscarei explorar a potência que as imagens têm de captar trechos do cotidiano e da experiência das pessoas. A arte e as imagens nos ligam a contextos culturais, sociais, políticos, religiosos, sendo estas, formas ideológicas do nosso modo de pensar. Dentro do que observei, os alunos trazem questões sobre violência no cotidiano dentro e fora da escola, assim como as fotografias projetadas de si mesmos.

**Objetivo:** Desenvolver o pensamento visual a partir de experimentos fotográficos aliados a exercícios de colagens para entendimento da fotografia inserida no contexto da arte contemporânea. Pretendo de certa forma aliar a minha prática a do professor titular, reforçando aspectos que forem necessários e introduzindo novos aspectos.

**Conteúdo:** Pop art (colagens), fotografia na contemporaneidade.

**Metodologia:** Aulas expositivas, atividades práticas e leituras dirigidas. Debates críticos sobre leituras realizadas. Trabalhos práticos envolvendo ensino-aprendizagem e produção e leitura de imagens. Elaboração de perfil do produtor/pesquisador de imagens. Acesso à pasta da turma no Google Drive para compartilhamento e organização das fotografias produzidas.

**Recursos:**

- Celular com câmera e acesso à internet (a escola possui Wi-fi);
- Computador da sala (onde as fotos serão descarregadas);



- Fotografias impressas de artistas previamente selecionados;
- Tesoura;
- Cola;
- Folhas A2.

**Avaliação:** Os alunos serão avaliados pela coerência dos trabalhos de acordo com a proposta e utilização dos materiais e técnicas. Por sua produção oral e escrita, bem como sua capacidade em cumprir os prazos propostos para as atividades.

#### **Referências:**

ACASO, Maria. **rEDUvolution: Hacer La Revolución En La Educación**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. IN: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena M.B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P.105-117.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FORESTA, Merry. **Man Ray**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Coleção Photo Poche.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HEITING, Manfred. **Man Ray**. Amsterdam: Taschen, 2008.

NEVES, Maria Eduarda Dias. **Sobre o auto-retrato: fotografia e modos de subjectivação**. Madrid, Espanha: 2012. Tese de Doutorado - UNED - Facultad de Filosofía Departamento de Filosofía y Filosofía Social y Política.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.1984.

VASQUEZ, Pedro. **Fotografia: reflexos e reflexões**. 1986.

WILLIAMS, Val; FURMANKIEWICZ, Edson. **Quando a fotografia é genial**. São Paulo: Editora GG BRASIL, 2014.

Eugen Bavcar 7min: 44s in: **JANELA da Alma**. João Jardim e Walter Carvalho 73min 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3z3cwcNKZIQ>> Acesso em 30 de agosto de 2017.

<b>Plano de Aula: 1º ano – Turmas 12E/F e 12G/H</b>			
Sexta feira das 13h30min às 15h/ 15h às 17h.			
<b>Tema da aula:</b>		Foto colagem - Compreendendo a fotografia e seus processos.	
<b>Conteúdo das aulas:</b>		Pop art (colagens), fotografia na contemporaneidade.	
<b>Recursos:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>-Celular com câmera e acesso à internet (a escola possui Wi-fi);</li> <li>-Computador da sala (onde as fotos serão descarregadas);</li> <li>-Fotografias impressas de artistas previamente selecionados;</li> <li>-Tesoura;</li> <li>-Cola;</li> <li>-Folhas A2.</li> </ul>	
<b>Metodologia:</b>			
<b>Etapa/aula:</b>		<b>Objetivos da aula:</b>	<b>Procedimento:</b>
<i>Etapa 1 Conhecer Estruturei as etapas do plano de aula desta forma pensando nas etapas da escolarização básica, de acordo com a psicologia da educação.</i>	Aula 1 15/09	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inter-relacionar através da fotografia, as práticas sociais do olhar e as proposições subjetivas de vermos o mundo, os outros e a nós mesmos para construir um pensamento visual crítico através da fotografia;</li> <li>- Perceber a fotografia como</li> </ul>	<p><b>12 GH 13h25min às 13h40min/ 12 EF 15h00min às 15h15min:</b> Recepção dos alunos/ acomodação.</p>
			<p><b>12 GH 13h40min às 14h15min/ 12 EF 15h15min às 15h55min</b> INTERVALO até: <b>16h15min:</b> Apresentação de imagens de artistas contemporâneos: <b>Henri-Cartier Bresson, Paul Strand, Alfred Stieglitz.</b> (Retratando a si, as outras pessoas e o cotidiano).</p> <p>- Trabalhar a interpretação das imagens e seus contextos através de perguntas, por exemplo: O que é uma imagem? Para que serve uma imagem? Será possível transmitir uma mensagem através de uma imagem? Será que a imagem sempre mostra a verdade? Como sei se o que vejo realmente existe? Quem fabrica as imagens? Qual o valor de uma imagem?</p> <p>Deve-se solicitar que os alunos respondam estas questões utilizando palavras que possam representar os sentimentos sugeridos pelas imagens observadas durante apresentação.</p>

		ferramenta modeladora de visibilidades	<p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: Continuação da apresentação de imagens com mais 3 artistas contemporâneos: <b>Ansel Adams, Sebastião Salgado, German Lorca</b>. Comentarei brevemente sobre vida de cada e os principais aspectos de seu trabalho.</p> <p>-Dependendo do tempo que restar propor exercícios práticos para estimulá-los a fotografar mais, pois só exigindo trabalho de casa, não há retorno da atividade completa.</p>
Aula 22/09	2	- Inter-relacionar através da fotografia, as práticas sociais do olhar e as proposições subjetivas de vermos o mundo, os outros e a nós mesmos para construir um pensamento visual crítico através da fotografia;	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p> <p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min: Apresentação de imagens de artistas contemporâneos: <b>Man Ray, Josef Sudek</b>.</p> <p>- Trabalhar a interpretação das imagens e seus contextos através de perguntas, por exemplo: O que é uma imagem? Para que serve uma imagem? Será possível transmitir uma mensagem através de uma imagem? Será que a imagem sempre mostra a verdade? Como sei se o que vejo realmente existe? Quem fabrica as imagens? Qual o valor de uma imagem?</p>
		- Perceber a fotografia como ferramenta modeladora de visibilidades	<p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: <b>Dorothea Lange, Cindy Sherman, Ernst Haas</b>. (Retratando a si, as outras pessoas e o cotidiano).</p> <p>Comentarei brevemente sobre vida de cada e os principais aspectos de seu trabalho.</p> <p>-Dependendo do tempo que restar pretendo propor exercícios práticos, para estimulá-los a fotografar mais, pois só como trabalho de casa, geralmente eles não retornam com a atividade completa (20 minutos ou mais de atividade).</p>

	Aula 3 29/09	- Provocar o olhar do aluno para que ele possa interpretar aquilo que percebe, ou seja, interpretar a imagem de forma crítica e desenvolver seus filtros culturais.	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p> <p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min: Apresentar imagens impressas do artista <b>Evgen Bavcar</b>;</p> <p>-Comentar brevemente sobre sua trajetória e os principais aspectos de seu trabalho;</p> <p>-Assistiremos um trecho do documentário <b>“Janela da alma” por João Jardim e Walter Carvalho, 2001 – sobre Evgen Bavcar (duração: 7min e 44s)</b>. Levarei o vídeo no pen drive e caso não consiga sala multimídia, será apresentado no computador disponível na sala;</p> <p>- Provocar debate sobre o documentário.</p> <hr/> <p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: “como se veem, como veem os outros e como percebem o mundo”.</p> <p>-Explicar e propor uma espécie de mapeamento cotidiano como projeto que será desenvolvido ao longo das próximas duas aulas.</p>
<i>Etapa 2</i> <i>Produção e Reflexão</i>	Aula 4 a 5 06/10, 20/10.	- Revisar o conteúdo abordado até aqui para avaliar o que aprenderam até aqui;	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p> <hr/> <p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min: Fazer uma revisão do conteúdo com uma dinâmica, sorteando assuntos vistos até agora e pedindo que os alunos falem um pouco sobre o que entenderam, na aula 4.</p> <p>- Na aula 5: Falar sobre os <b>Kidnappers</b>, explorando o conceito de que a fotografia continha a essência da pessoa retratada;</p> <p>- Fomentar um debate sobre a efemeridade das imagens hoje (os alunos apagam as imagens de seus celulares para obter espaço em disco), ou a permanência delas.</p> <p>- Exercício: retrato e autorretrato.</p>

			<p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: Durante estas duas aulas, o segundo período será utilizado para acompanhamento do projeto, descarregar as imagens no computador da sala, organização da pasta de cada aluno.</p>
Aula 6 27/10.	- Trabalhar composição e colagens.	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p>	
		<p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min: Nesta aula, veremos artistas que fazem interferência nas imagens (novamente levarei imagens das fotos impressas). Exemplos: <b>Robert Rauschenberg, Barbara Kruger, Richard Hamilton, Hannah Hoch, Raoul Haussman, Francis Picabia, Alexander Rodchenko.</b> Essa primeira parte da aula será expositiva, falarei sobre pelo menos um trabalho de cada artista citado acima.</p> <p><b>Poderia ser interessante mostrar o clipe da banda Franz Ferdinand – Take me Out</b></p>	
		<p><b>12 GH</b> 14h15min às 14h50min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 16h50min: Segunda parte da aula onde cada aluno receberá uma folha no tamanho A2 para realizar sua fotomontagem, e deverá utilizar um dos lados da folha por inteiro. Os Alunos receberão jornais e revistas para coletar imagens que possam fazer algum sentido, ou seja, que tenha a ver com seu cotidiano.</p>	
		<p><b>12 GH</b> 14h50min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h50min às 17h00min: Organização e limpeza da sala.</p>	
Aulas 7 a 9 10/11,	- Provocar o exercício do fazer	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p>	

	<p>17/11 e 24/11.</p> <p><b>Dia 28/10 terá a Feciarte (feira de ciências e artes*)</b></p> <p><b>Conversar com o professor para definir o que os alunos irão expor</b></p>	<p>artístico através dos processos fotográficos;</p> <p>-Desenvolver o olhar crítico e sensível sobre as coisas cotidianas, dando a elas destaque artístico.</p>	<p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min Cada aluno desenvolverá um projeto de fotografia experimental, o tema deverá ser escolhido dentro da <b>lista com 30 motivos</b> que o professor deu anteriormente;</p> <p>- Iniciarão sua produção autoral, contando com a orientação do mediador e com a estrutura que estiver disponível para a realização de seus experimentos. Pretendo levar uma câmera para quem tiver interesse em manuseá-la.</p> <p>- Ao final o Aluno deve ter produzido de 5 a 10 fotografias, e pelo menos um parágrafo justificando acerca de suas escolhas.</p> <p>- Na primeira parte da aula eles me mostram o que já vem produzindo, mais ou menos como já vem acontecendo nas aulas do professor Vinicius.</p> <p>- Durante essa retomada espero poder observar o quanto os alunos aprenderam*</p> <p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: neste segundo momento da aula, eles poderão sair para fotografar no pátio da escola, sempre retornando 20 minutos antes do final da aula (é a única maneira que tem funcionado, pois a maioria não produz em casa).</p>
<p><i>Etapa 3</i> <i>Apreciação</i></p>	<p>Aula 10 24/11</p>	<p>- Apreciar o trabalho finalizado.</p>	<p><b>12 GH</b> 13h25min às 13h40min/ <b>12 EF</b> 15h00min às 15h15min: Recepção dos alunos/ acomodação.</p> <p><b>12 GH</b> 13h40min às 14h15min/ <b>12 EF</b> 15h15min às 15h55min INTERVALO até: 16h15min: Finalização do projeto, onde cada aluno deverá estar com sua pasta no drive contendo os trabalhos exigidos.</p> <p><b>12 GH</b> 14h15min às 15h00min/ <b>12 EF</b> 16h15min às 17h00min: Avaliação</p>

A chamada será feita sempre nos 10 minutos finais das aulas\*

Aula 1



Henri-Cartier Bresson –  
informante da Gestapo, Dessau,  
Alemanha 1945



Paul Strand – Wall Street, 1955



Alfred Stieglitz – The Steerage  
(a Terceira classe), 1907



Ansel  
Adams – dunas de areia, nascer  
do sol 1948



Sebastião Salgado – minas de  
ouro da serra pelada, Brasil  
1986



Germano Lorca – Congonhas  
airport, 1965.

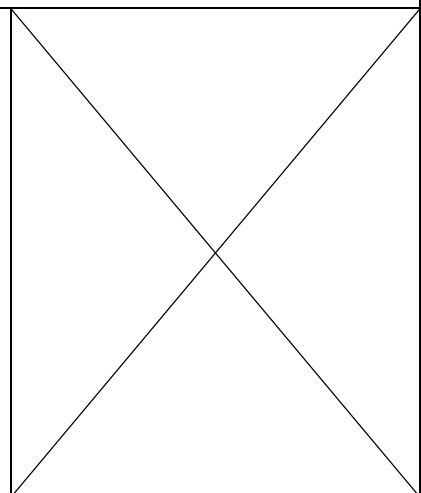
Aula 2



Man Ray – retrato solarizado  
de Lee Miller, 1929



Josef Sudek – cabeça de gesso,  
1945





Aula 3: trecho do documentário “Janela da alma” por João Jardim e Walter Carvalho, 2001 – sobre Evgen Bavcar (duração: 7min e 44s).

Aula 4 a 5: **Kidnappers**- Algumas culturas creem que o retrato é nocivo, por retirar uma parcela da alma da pessoa retratada em decorrência da nitidez e da fidelidade da imagem obtida.


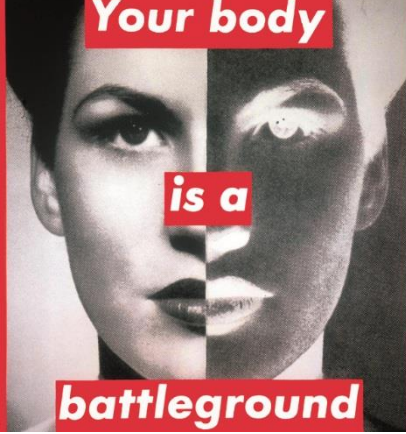
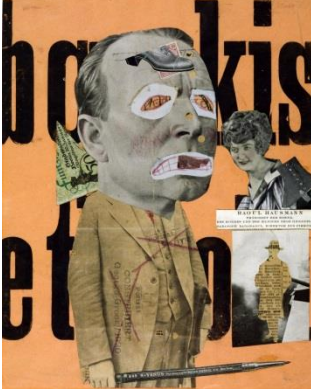



Os apaixonados costumam beijar os retratos de seus amados, assim como ao fim do romance, costumavam rasgá-lo, num ato simbólico de livrar-se do fardo daquele sentimento. É algo corriqueiro ainda, ter imagens de pessoas que apreciamos (família, paixões, ídolos, etc.) muitos mantidos com o mesmo carinho que mantemos a relação com a pessoa na vida real. Fato este comprovado pelo autor Arthur Taussing durante uma conferência que evidenciou o caráter fetichista do retrato.

Afirmou que a fotografia era um "objeto vodu" e a plateia sorriu diante dele, então os desafiou a rasgar qualquer retrato que tivessem consigo naquele momento, pois não passavam de pedaços de papel - nem mesmo quem riu da situação conseguiu rasgar uma foto sequer. Taussing citou então o grupo de fotógrafos comerciais intitulados "**Kidnappers**" (os raptores), que operavam nos EUA, no final dos anos 40 e início dos anos 50, baseando suas técnicas de venda no conceito de que a fotografia continha a essência da pessoa retratada. O trabalho era dividido em três fases: primeiro um passador de talões vendia por 50 cents o direito a ser fotografado, sem seguida vinha o fotógrafo que fazia uma rápida série de imagens de cada criança; dias depois aparecia o vendedor com as ampliações. Caso a mãe se recusasse a pagar a quantia exigida, ele colocava a foto de seu filho sobre a mesa, voltada para ela, e a rasgava aos poucos. Na maior parte dos casos as mulheres caíam em prantos e desembolsavam o dinheiro. "Comprarei todas", gritavam, fazendo tudo para evitar que as fotos fossem destruídas.

**Fonte:** Arthur Taussing, em entrevista concedida à revista americana 35mm. Photography, na primavera de 1979 in Vasquez, Pedro. **Fotografia: reflexos e reflexões**. 1986.



Os retratos contém muito mais do que a maior parte das pessoas está disposta a admitir, talvez porque todos nós tenhamos a mesma postura fetichista diante deles. Postura que encontra seu ápice no culto que os fãs dedicam a determinadas celebridades. Nos anos 70 produziram-se inclusive lençóis e fronhas com retratos de pessoas famosas, o que permitia um comportamento erótico mais intenso e íntimo. "beijar a rainha a cada gole de café – caneca estampada com sua foto".

Aula 6:		
		
<p>Robert Rauschenberg – Signs, 1970</p>	<p>Barbara Kruger – Untitled, 1989</p>	<p>Raoul Hausmann – The Art Critic 1919–20</p>
		
<p>Hannah Hoch</p>	<p>Hannah Hoch – Bouquet Of Eyes, 1930</p>	<p>Richard Hamilton – Just what is it that makes today's homes so different, so appealing? 1956</p>

Poderia ser interessante mostrar o clipe da banda Franz Ferdinand – Take me Out (2004)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ljk4j-r7qPA>>. Acesso em 22 Outubro de 2017.

## Aulas 7 a 9: Lista com os 30 motivos fotográficos

1- FOTO DE SI MESMO;	11- ALGO AZUL;	21- ANIMAL;
2- O QUE VESTI HOJE;	12- OIR DO SOL;	22- MÃOS;
3- NUVENS;	13- FAMÍLIA*;	23- AMANHECER;
4- ALGO VERDE;	14- OLHOS;	24- ALGO DOCE;
5- CRIANÇA	15- SILHUETA;	25- FLORES;
6- MACRO (PERTO/ TEXTURAS);	16- LONGA EXPOSIÇÃO*;	26- UMA SAUDADE (SENTIMENTO ABSTRATO);
7- COMIDA;	17- SORRISOS;	27- ALGO ROSA;
8- UM HÁBITO BOM;	18- SEUS SAPATOS;	28- A NOITE;
9- ALGUÉM QUE VOCÊ AMA;	19- ALGO VERMELHO;	29- PRETO E BRANCO (FOTO);
10- SUA CIDADE;	20- LIVROS;	30- ALGO QUE NÃO CONSEGUE VIVER SEM;
Extra: IGREJAS*		

(o asterisco quer dizer que é opcional, depende da disponibilidade de uma câmera com opção de não querer fotografar sua família, por exemplo).